

Intelectualidade Feminina? O questionamento do lugar histórico das mulheres no Recife nos anos de 1955 a 1964.

JULIANA RODRIGUES DE LIMA LUCENA*

Compor o “retrato” da mulher no Recife dos anos 1950 e início da década de 1960 apresenta singularidades, uma vez que não devemos incorrer no erro das generalizações. Buscamos analisar o ser feminino de uma específica classe de mulheres que, dentro dessa mesma classe, apresentam multiplicidades. Isso torna a nossa tarefa ainda mais complexa, mas não menos interessante.

O caminho escolhido para realizarmos esse objetivo é problematizar suas atuações e o seu trânsito entre os espaços públicos e privados e, a partir de suas falas, analisar a construção do papel feminino, como elas percebiam o ser mulher, como se davam as relações de poder entre os gêneros e, dessa maneira, buscar a compreensão da existência de uma “intelectualidade de saias”.

Nossa análise baseia-se na premissa que a princípio, as mulheres, dentro da categoria de gênero passaram a ser vistas e analisadas a partir de práticas culturais e de interpretações que são construídas e discursadas com objetivos claros e é dessa maneira que as definições de gênero e sua complexidade enquanto campo da História são fruto de uma nova episteme das ciências sociais, como afirma Rachel Sohiet:

As contribuições recíprocas decorrentes da explosão do feminismo e das transformações na historiografia, a partir da década de 1960, foram fundamentais na emergência da História das Mulheres. Nesse sentido, ressaltam-se as contribuições da História Social e da História das Mentalidades, articuladas ao crescimento da antropologia, decisivas nesse processo, em que as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da História.(SHOIHET, 1997).

Constata-se então que a História das Mulheres dentro da análise da categoria de gênero é um estudo intrinsecamente político e que, sendo assim, “não há jeito de se evitar a política – as relações de poder, os sistemas de convicção e prática – do conhecimento e dos processos que o produzem”¹. Mas uma política não limitada a

* Mestre em História pela UFRPE. Membro do GEHISC-UFRPE (Grupo de Estudos em História Social e Cultural) e do NUPEGE (Núcleo de Pesquisa e Estudos em Gênero). Professora da Faculdade Líder. E-mail: juleslucena@yahoo.com.br

¹SCOTT, Joan. História das Mulheres. IN Peter Burke (org.), **A Escrita da História: novas perspectivas**, São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, pág. 95.

partidarismos ou a edificação de um “sujeito mulher”, mas as suas praticas e relações sociais dentro e fora dos espaços da política, ou seja, dos espaços públicos.

Nesse sentido ideológico a “*intelligentsia*” feminista reafirma a teoria de Löwy, de que os(as) intelectuais são muito mais do que uma classe, compreendem uma verdadeira categoria social, capaz de moldar e manipular idéias e que são definidos(as) por seu papel ideológico². Sendo assim, as feministas das décadas de 1960 e 1970 tornaram-se produtoras diretas da ideologia onde as mulheres deveriam erigir a sua identidade, buscar a criação de seu “sujeito” e assim, ditar novas regras sócio-culturais de convivência com homens e com outras mulheres.

Para tanto, não nos atemos apenas às suas atuações na vida pública, mas em suas vivências na vida privada. Na família e no lar. Suas prioridades, frustrações e paixões permearam suas falas, ora exaltadas, ora saudosas e reflexivas, e foram retomadas em nossa pesquisa. Emocionou-nos a “viagem” que pudemos presenciar através de suas memórias. Gratificante observar o fechar de olhos, por breves segundos, nos mergulhos em lembranças felizes, e outras nem tanto. Tornamo-nos cúmplices de suas aventuras, certas peripécias e até mesmo de segredos que, a pedidos, serão preservados apenas em suas memórias.

Toda essa incursão se deu durante um período onde a atmosfera de possibilidades de mudanças pairava no ar da cidade do Recife. Essa sensação esteve presente nas falas de nossas cinco entrevistadas, pois elas percebiam a cidade como um pólo cultural no qual, apesar das dificuldades e desigualdades sociais, acreditava-se ser possível uma mudança.

Analisando suas experiências, sonhos, paixões, medos e aventuras, podemos pensar a concepção de gênero que hoje “delimita” o sujeito, pois cremos que as relações de gênero nos idos das décadas de 1950 e 1960 continuaram antecipando esse discurso da diversidade, essa representação de mulher e de homem plurais em suas práticas e escolhas.

É a partir da subjetividade e da percepção de uma identidade que se constrói ou até mesmo se adquire, que pautaremos a nossa análise acerca das (novas) relações de poder entre os gêneros com foco no papel/vocação da mulher, utilizando essas mulheres

² LÖWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários**: a evolução política de Lucacs (1909 – 1929). São Paulo: Ed. LECH Livraria, 1979.

aqui escolhidas que atuaram ativamente em suas vidas e nos projetos/processos nos quais participaram.

Para além dessa percepção, tentamos entender a constituição do ser intelectual feminina, uma vez que todas elas aqui escolhidas, ocuparam funções, ou agiram de acordo com a intelectualidade da época. Percebemos, em seus discursos, que essa atuação existia, embora quase todas não tenham se reconhecido enquanto intelectuais. Começamos a problematizar esse não reconhecimento devido à própria sociedade e mentalidade da época. As nossas mulheres, por vezes, não se sentiam sendo intelectuais, pois tal atividade parecia estar diretamente ligada ao homem.

Será mesmo? As palavras serão agora germinadas com breves relatos de vivências de nossas protagonistas a fim de mergulharmos em seus universos para que possamos conhecer e analisar suas experiências enquanto mulheres, assim como a sua contribuição para a História da cidade do Recife e suas próprias.

1 Bernadette Pedrosa

(...) E Bernadette Pedrosa, a mais nova das docentes do GP, ambos impulsionaram os meus primeiros passos intelectuais. A Bernadete, até hoje nossa amiga, mestra e musa, agradeço meu modo crítico de pensar e de defender com convicção as liberdades.³

As palavras contidas nessas breves linhas podem sintetizar a ação e a representatividade da pessoa da professora da Faculdade de Direito do Recife (FDR), Bernadette Pedrosa. A admiração e o carinho compartilhados por aqueles que foram seus alunos ilustram a sua importância e impulsionam ainda mais a nossa pesquisa acerca da sua história e de sua contribuição enquanto acadêmica, mulher e intelectual.

Bernadette voltou toda a sua vida para o trabalho e o seu aperfeiçoamento. Enquanto professora, sempre se pautou na moral e ética que constantemente ditaram a sua prática enquanto professora e advogada. Sempre chamou a atenção de seus mestres que a indicavam e convidavam para trabalhar com eles. Esses mesmos ‘eles’ que são tão enaltecidos por ela, em nossas conversas. Como foi o caso de Sizenando Silveira, um de seus primeiros e admirados mestres. Essa relação também se repete quando é convidada a lecionar na FDR:

³ Antônio Falcão para artigo do Diário de Pernambuco de 22/12/2008.

Então quase na mesma época eu fui levada para escola normal, depois para o estadual de PE depois fui para a FDR, como auxiliar do Prof. Lorival Vila Nova e dei aula na pós-graduação em direito. E essas atividades todas eu conseguia coordenar ainda enquanto estava terminando o período de mestrado.⁴

Aqui se evidencia a sua total entrega e dedicação à sua profissão, o que lhe tomou, por escolha, o casamento e a maternidade. Sempre muito discreta e comedida em sua postura – sempre com o cigarro elegantemente em punho – ela nos relatou, mas não sem certo pesar que, na época de suas “multiatividades”, não sentia a necessidade do casamento ou tão pouco a presença de filhos. Mas hoje, beirando os 80 anos de idade, nos confessou que às vezes arrepende-se de não ter tido filhos, pois se sente só.

Cabe aqui um paralelo entre a sua função de professora e a maternidade não realizada, uma vez que essa atividade era muito bem vista e indicada para as mulheres, já que representava uma extensão do papel da mãe, que cuidava e educava os futuros cidadãos. Quando perguntada sobre a vocação da mulher e essa relação com a educação naquele período, ela não confirmou explicitamente, mas nos disse que “nessa época, até no interior já se admitia mulher professora. “Minha vó teve uma escolinha em minha cidade e todo mundo a respeitava.”⁵ Uma mulher respeitada por que era professora e mestra. Essa transferência tornou-se ainda mais acentuada quando, orgulhosamente, Bernadette nos relatava suas experiências enquanto professora e falou de sua época lecionando no Curso Torres de preparação para a faculdade de direito. Ela nos disse:

Da turma que eu ensinei passaram 60 alunos. E então Torres me perguntou, na frente dos alunos, como é que eu me sentia. Eu disse: “Como é que pode se sentir uma mulher que concebeu e pariu 60 filhos em um dia?” Ai ele achou aquela fala fantástica e os meninos me aplaudiram, me abraçaram. Muitos deles são hoje grandes advogados.⁶

A fala da professora/mãe orgulhosa também veio à tona em vários outros momentos de nossas entrevistas:

(...) veja, eu só não tive ainda ex-aluno presidente da república, mas em todos os cargos eu tive ex-aluno, E alguns mantém relação comigo muito afetuosa e eu gosto muito. Por exemplo, o deputado André de Paula, sempre se comunica comigo e é uma pessoa extraordinária de seriedade. Então eu tenho

⁴ Depoimento colhido numa entrevista com a professora Bernadette Pedrosa. Recife, 05/2009

⁵ Idem.

⁶ Idem.

alunos espalhados em todas as funções, como eu disse uma vez quando recebi o título de Professora emérita da universidade.⁷

Seu orgulho não era nem pode ser considerado desmedido, pois sua ousadia percebida e assumida representou um marco na história da FDR e para a própria história das mulheres pernambucanas. Mas, tal ousadia, aparentemente, não lhe trouxe dificuldades de trabalho; bem como o seu gênero, mas lhe impeliu a demonstrar toda a sua capacidade:

Não sofri nenhum tipo de preconceito ou discriminação aparente, por estar atuando em um espaço masculino. Mas sentia que todos me observavam para ver e constatar se eu era capaz ou não de estar ali, dividindo aquele espaço com eles⁸.

Uma vez que aquele era um espaço de sociabilidade e convivência da intelectualidade masculina da cidade do Recife e do Nordeste. Nossa entrevistada reconhecia isso e sabia que, para alguns, poderia representar uma “afronta”. Já que o trabalho com o intelecto era coisa para homem. Como se acreditava na época.

A desconfiança poderia estar velada, mas era tática: um desconforto com a presença dessas mulheres em seus espaços. A professora nos conta que bastava adentrar ou aproximar-se de algum grupo de jovens estudantes ou mestres que o tom da conversa mudava. Uma forma de preservação? Ou uma indicação do estranhamento da presença delas nos espaços deles?

Bernadette, apesar de reconhecer o seu pioneirismo e admitir ousadias, em momento algum se referiu a si mesma enquanto uma intelectual. E quando perguntada se ela concordava com o fato de pouco existirem mulheres intelectuais, ou seja, que produzissem o conhecimento, ela nos disse que “havia mais na área de literatura, mais obras de mulheres na literatura, que publicavam contos, poemas”.⁹ Mas, segundo ela, o que poderíamos chamar de intelectualidade feminina, só poderia ser identificada mais para frente, quando as primeiras partiram para estudar fora do país.

Hoje, olhando para o passado, reconhecemos a Professora Bernadette Pedrosa como uma importante intelectual do Recife, mas essa idéia não lhe cabia à época. Fruto

⁷ Idem.

⁸ Idem

⁹ Idem.

da mentalidade do período? Das relações de poder existentes nos corredores da Faculdade de Direito do Recife?

Mas até esse “recinto” da masculinidade teve de se render à feminilidade e à inteligência de mulheres como Bernadette Pedrosa.

3 Silke Weber – MCP

Como eu lhe disse, em minha família éramos muito incentivados a alargar o universo cultural e intelectual e o Recife também apresentava isso.¹⁰

Engajamento e intelectualidade! Essas palavras podem bem descrever a pessoa de Silke Weber, que vem aqui somar à nossa análise a respeito do ser mulher no Recife das décadas de 1950 e 1960, embora ela não percebesse um tratamento diferenciado por parte de seus colegas pelo fato de ser mulher. Contudo, sua postura e atuação foram de suma importância, até como um contraponto, para os nossos objetivos.

Filha de pai alemão e mãe brasileira, Silke, segundo sua própria perspectiva, “escapou” de ter uma educação mais limitada, pois seu pai pensou na possibilidade de ser usineiro o que proporcionaria a Silke e a seus irmãos uma educação menos a intelectualizada. Mas, sua mãe livrou-a desse destino:

Daí minha mãe quando percebeu o que seria viver em uma usina disse “não, não teremos nossos filhos num mundo inteiramente” rural “. Eu não quero que meus filhos fiquem a vida toda em um internato”. Com isso, eles vieram para Recife, quer dizer, eu já era nascida. Com isso, tivemos uma socialização muito rica, do ponto de vista cultural e artístico, em casa.¹¹

A presença forte de sua mãe nos indica um pouco da personalidade ativa de nossa entrevistada e mostra a importância que sua família dava à educação voltada mais para o lado intelectual e cultural. Dessa maneira, percebemos os caminhos que levaram a jovem Silke a se engajar primeiramente no movimento estudantil e, depois, seguir seus caminhos de engajamento no Movimento de Cultura Popular (MCP¹²).

¹⁰ Depoimento colhido numa entrevista com a professora Dra. Silke Weber. Departamento de Sociologia da UFPE, Recife, 06/ 2009

¹¹ Idem.

¹² O MCP tinha como objetivo básico a difusão das manifestações da arte popular regional assim como desenvolver um trabalho de alfabetização de crianças, jovens e adultos, buscando “elevar o nível cultural dos alfabetizados para melhorar sua capacidade “aquisitiva” de idéias sociais e políticas e ampliar a politização das massas, despertando-as para a luta social.

Silke se auto define como tendo sido uma “estudante metida à sabida” essa auto-avaliação denota a percepção dela de sua diferenciada condição; condição esta que ela – em momento algum – relacionava com o gênero, mas sim com a sua educação diferenciada, proporcionada por seus pais com forte influência européia que, segundo nossa entrevistada, não diferenciava os sexos quanto às questões de educação. Logo em seguida, partiu para contribuir com o Movimento de Cultura Popular e a traçar seus caminhos enquanto uma intelectual engajada:

Paulo Rosas me convidou para trabalhar com ele no projeto de meios informais de educação, quer dizer, a minha tarefa era fundamentalmente fazer uma espécie de catálogo de livros para crianças, jovens e adultos. Quer dizer, adultos nem tanto, pois era mais para jovens e eram justamente os livros que estavam disponíveis e que haviam sido doados ou que seriam comprados e que poderiam enriquecer o universo cultural dos jovens, que seriam o principal público das praças de cultura. Então, eu inventei uma forma de catalogar esses livros, com uma resenha etc. E que se tornou uma experiência muito rica, pois alguns livros eu estava relendo, mas outros tantos eu passava a conhecer naquele instante, então foi um momento de enriquecimento muito grande. Ai Paulo Rosas foi para a universidade e eu fiquei coordenando o projeto meios informais de educação e mais adiante, então, quando terminei a faculdade, ele me convidou para participar também, no caso, no Instituto de Ciências do Homem, que ele havia criado para fazer cursos de especialização em psicologia, sociologia, história e direito.¹³

Aqui podemos perceber a sua consciência e definição do(a) intelectual que deveria ser responsável em proporcionar uma educação de qualidade para os menos desprovidos. Ratificando a idéia de missão da intelectualidade daquele período. Seu papel era o de claramente indicar as melhores leituras a fim de erigir o nível cultural dos jovens, que seriam o principal público das atividades de Silke no MCP. Ela também percebia claramente que a atmosfera da cidade possibilitava o surgimento e a difusão de idéias e iniciativas como as do MCP.

Sua forma de compreender o “ser” intelectual condiz com a que era vivenciada na época, não só pelos membros do MCP, mas por muitos outros movimentos que proliferavam nessa efervescente Recife. Havia um cenário de inovações político-culturais no tocante às iniciativas para a inclusão do povo no processo democrático, através de suas próprias vivências e experiências da cultura popular, da organização

¹³ Idem.

popular. Silke nos confirmou isso quando ressaltou a intenção concreta dessa intelectualidade para com o povo:

[...] mas por outro lado, tendo uma marca muito grande que era o compromisso com a maioria da população, quer dizer, justamente um momento que pretendeu fazer com que não somente aquilo que era produzido culturalmente pelo povo tivesse um espaço de apresentação e de visibilidade, mas também era o momento em que se tinha pretensão de socializar o que a humanidade produziu como cultura e como arte, por exemplo, a biblioteca da praça de cultura era um exemplo desses. Exatamente você tornar acessível Shakespeare, Jorge Amado, e assim sucessivamente, quer dizer, tornar acessível e discutir em grupos de leitura, círculos, fazer debates, conferências, fazer filmes associados. Então oferecer uma educação informal...¹⁴

Era uma defesa da quase obrigação que os intelectuais teriam para como o povo. Silke vai além, ao dizer que o MCP promovia um trabalho que visava certa elevação cultural desse mesmo “povo”, pois estavam:

Fazendo um trabalho que fizesse com que a cultura popular tivesse visibilidade, mas ao mesmo tempo – mediante toda uma visão dominada de que ela (cultura) seria um instrumento de tomada de consciência da história do Brasil, da história da dominação, da história da exploração e, por conseguinte, um veículo de tomada de consciência. Se acreditou muito nisso também.¹⁵

Mas não podemos deixar de ressaltar que essa é a leitura feita por nossa entrevistada, hoje, olhando para o passado e destacando de forma crítica e consciente, qual era o seu papel e o de seus colegas. Uma forma crítica, pois ela apontou questões que, na época, não foram problematizadas, mas que atualmente tornaram-se pauta de discussões e pesquisas acerca do MCP. Ela questiona-se a respeito dos reais objetivos do MCP para com a instrução e educação cultural de seu público alvo. Até mesmo sobre a metodologia de promoção da educação crítica objetivada pelo movimento: seria uma educação imposta?

Não sei se é só de forma crítica ou doutrinária. É bom também não esquecer, pois tem os dois lados da moeda. Crítica é uma coisa, doutrinária é outra. Então agente acreditava nisso, era a coisa do momento, então se tinha muito isso.¹⁶

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem.

Era uma fé quase inabalável quanto ao papel do intelectual que respirava e vivenciava de forma latente esse clima onde havia um compromisso de “fazer algo”, não de ficar inerte. Isso era vivenciado em todos os momentos, ou seja, as ações e as iniciativas tomadas demonstram justamente aquilo que se pode chamar de “espírito da época”. Havia os partidos políticos – particularmente o Partido Comunista, bem como o partido socialista, mas, para além dos partidos, havia uma mobilização civil até mesmo daqueles que se colocavam como católicos progressistas. Isso denotava uma pluralidade de pensamentos e idéias que “irmanava todas as iniciativas para fazer com que o país se tornasse um país justo.”¹⁷

Percebemos bem claramente qual a idéia que Silke tinha construído do papel do intelectual; suas narrativas só vêm a corroborar com o que já se tem escrito e pesquisado sobre a intelectualidade recifense da época. Já quanto à percepção do papel da mulher, em nenhum momento Silke nos indicou perceber uma diferenciação entre os gêneros nem tão pouco ter a consciência de que estaria modificando as convenções sociais para a mulher da época.

Contudo, ela não deixa de reconhecer que a sua realidade era diferente da maioria das mulheres de então. Admitindo que o grande questionamento da época era se as mulheres que queriam trabalhar fora de casa – ou seja, nos espaços públicos – conseguiriam conciliar essa atividade com as funções de mãe e esposa.

Por fim, apesar de Silke Weber ser claramente uma intelectual, ela não enxergava uma diferenciação entre os gêneros quanto a essa função:

Agente não colocava essa questão de ser ou não mulher, agente atuava como estudante e como cidadão. Pelo menos é assim que eu vejo. Significava que tinha o papel, claro, de intelectual e de crítica, de participar de um debate. Quer dizer, nas várias áreas, na própria cultura de uma maneira geral. Mas era um debate que mexia e não por que se era ou não mulher. Eu não vejo por ai de jeito nenhum. Não era para mim, de jeito nenhum. Tanto que eu me lembro que fiz parte de uma pesquisa na França e a pergunta era “Quem sou eu?” E eu dizia sou humana!¹⁸

Ela não problematizou as relações de gênero em sua trajetória. Esse é nosso objetivo aqui, com essa pesquisa. E a participação de Silke Weber vem a enriquecer de forma singular a nossa análise, trazendo outra perspectiva da atuação feminina nos

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

espaços de trabalho (públicos). Ou seja, uma jovem mulher engajada e intelectualizada, oriunda de uma família alemã, que incentivou sua formação profissional e que não lhe impunha limite para o ser mulher.

3.5 Tereza Costa Rêgo

Uma amiga me disse que ela havia escolhido o ninho, ou seja, a casa e os cuidados dos filhos e do marido, quanto a mim, eu havia escolhido o vôo e as aventuras e desventuras que a vida me reservou¹⁹.

Terezinha! Tereza e Joana! Três identidades para uma mesma pessoa que muito bem poderia resumir e, ao mesmo tempo, ampliar a definição do que é e do que foi ‘ser mulher’. Suas experiências e vivências nos mostraram um pouco de uma personalidade inquieta e vibrante. Que não se acomodou aos ditos e mandos sociais e ousou experimentar “as aventuras e desventuras” que a vida lhe reservou. “Tudo que é humano pra mim é normal”²⁰.

Muito já foi escrito sobre a artista e a mulher Tereza Costa Rêgo, mas o que buscamos aqui é mergulhar um pouco mais em sua história para aproveitarmos ainda mais da sua humanidade e completar a nossa breve análise sobre o que era ser mulher nas décadas de 1950 e início da década de 1960, no Recife. Mas temos a consciência de que essa será apenas uma pequena abordagem de tal tema, mas esperamos que algumas questões possam ser melhor elaboradas ao seu final.

Terezinha Barros Costa Rêgo era a caçula de uma família aristocrática do açúcar pernambucano, ela cresceu cercada de luxos e regalias, com todos os mimos que uma menina com quatro irmãos mais velhos poderia ter. Aqui, já começamos a perceber uma idéia pré-concebida do ser mulher de então. Mas um tipo de mulher específico, oriundo da elite decadente pernambucana.

Ser mulher na minha época era ser uma boneca pra enfeitar o piano da sala, era um enfeite como outro qualquer, um sofá, uma cadeira, um jarro e a moça da casa - no caso era eu - filha única, era a bonitinha que não podia trabalhar porque mulher rica não trabalha! Coisas de uma mentalidade mesmo muito atrasada e como eu era filha única então a repressão foi aquela repressão judaico-cristã - irmão padre - então foi uma educação muito rígida, daí eu fui preparada para isso. Eu casei cedo justamente porque eu queria sair daquelas

¹⁹ Depoimento colhido numa entrevista com a artista plástica Tereza Costa Rêgo. Olinda, 06/2009

²⁰ Idem.

amarras. O amor veio tão secundário que o principal era sair de casa e então me casei.²¹

Segundo a mesma, ela fugiu de uma “prisão” tão somente para entrar em outra. Mas, até então, ela seguia o “recomendado” para as mulheres de sua classe. Recebeu a melhor educação para ser “um bibelô, um enfeite de piano, a ornamentar a sala da família” e, posteriormente, posar como belo ‘prêmio’ de seu marido.

Ainda criança, começou a pintar e, como filha da aristocracia, foi para a Escola de Belas Artes, incentivada por sua família. Contudo, era terminantemente proibida de pintar os nus. Mas, essa repressão ficou tão guardada em Tereza, ao ponto de, apenas após seus 50 anos de idade, ter vindo a pintar um nu. A tela “Mulher nua com gatos” (1983) foi a primeira de muitas. Sempre mulheres e, muitas vezes, as mais comuns delas. “A nudez é a coisa mais pura em uma pessoa.”²²

Ainda criança, Terezinha encontrava artifícios para ultrapassar, mesmo que na sua imaginação, as barreiras da repressão na qual vivia. Um desses artifícios possibilitou a sua “primeira visita a um bordel”:

Gostava de deitar no colo de meus irmãos, aparentemente para cochilar, ficava escutando as histórias. Eu sabia os nomes das mulheres, das donas das pensões: Alzira, Djanira, Edite, Maria Maga... O Chantecler, o Bar do Grego, a Festa da Mocidade...²³

Ou seja, Tereza visitava os espaços imaginários onde se convivia a boemia e a intelectualidade pernambucana, apenas ao escutar os relatos de seus irmãos. Uma vez que não poderia – na época – frequentar tais locais públicos, onde as únicas mulheres permitidas eram aquelas que ali estavam para ‘servir’ aos desejos dos homens, as Alziras, as Edites, entre outras. E Tereza conclui que começou a “achar que todas as coisas importantes só poderiam acontecer em um puteiro”²⁴

Mas, a sua fuga da família para o casamento, de fato, se mostrou como uma nova prisão, na qual Tereza mais uma vez estava anulada e vítima das regras e imposições da sociedade. E logo vieram as filhas. Mas isso mudou radicalmente quando

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

ela conheceu Diógenes Arruda, um dos fundadores do Partido Comunista Pernambucano, em 1962.

Foi uma coisa terrível! Inimaginável. Para se ter uma idéia de como a situação era difícil para mim eu fiquei na casa da minha mãe, e ela estava numa situação difícil, pois papai já tinha falecido, então quem mantinha a minha mãe eram meus irmãos. E, como eu estava lá, eles suspenderam a mesada dela e eu ficava tão angustiada sabendo que estava pesando. (...) A minha mãe de certa forma sofreu. Ela nunca aceitou, mas ela, dentro da situação que eu estava vivendo, talvez até ela teve certa coragem de me assumir em casa.²⁵

Esse relato nos indica um pouco da represália sofrida por Tereza. Uma mulher que decidira largar um casamento onde era infeliz e onde se sentia presa, para experimentar o verdadeiro sabor do amor. Mas essa atitude teve muitas conseqüências, pois a sociedade da época não aceitava uma mulher desquitada provinda da alta sociedade:

Acho que fui a primeira mulher que teve coragem de se divorciar assim de um cara importante, meu marido era presidente do tribunal do trabalho, era juiz, ele era pobre quando casou comigo, mas eu era rica e ele assumiu muita coisa que minha família ajudou. Hoje ele é rico e eu sou pobre. Muito engraçada a vida.²⁶

Seu amor por Diógenes colocou toda a sua família contra ela, pois ficaram a favor de seu ex-marido e até a sua relação com suas filhas foi abalada, pois foi descoberto o seu relacionamento proibido ainda enquanto casada e isso fez com que ela perdesse todos os seus direitos, inclusive a guarda de suas filhas.

Partiu para São Paulo, deixando para trás toda uma vida de luxo e riquezas, mas que, segundo a mesma, era vazia e quase sempre sem significado e lá passou a viver na clandestinidade com o seu companheiro. Passou a experimentar, de forma brusca, uma ruptura em sua concepção de mundo e crescer com isso. Passou a incorporar o recém formado PCdoB, do qual Diógenes era o segundo no “comando” e caiu de pára-quadras no partido: “(...) então eu cheguei dentro do birô político do partido comunista muito verde

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

então fui amadurecida no carbureto. (...) para poder chegar diante daquelas reuniões do partido comunista da alta cúpula.”²⁷

Era o nascimento da camarada Joana, que entrara para o partido seguindo o seu amor e que dentro desse universo se redescobriu e encontrou o prazer de viver e ser quem ela era: “Eu sai de uma vida completamente inútil para viver do meu próprio trabalho! Para mim é a coisa mais importante da minha vida é eu ser capaz de pagar minha conta de água e de luz.”²⁸

Tereza vivenciou as atuações dos comunistas nos mais variados países. Viveu no exílio, suportou a prisão de seu companheiro e iniciou uma nova fase em sua vida, quando voltou a estudar e se graduou e pós-graduou em História e, por tempos, exerceu a função de professora. Sofreu bastante após a morte de Diógenes e passou a viver de sua arte e da cultura, já de volta à Pernambuco, e à cidade que adotou como seu lar, Olinda.

Tereza também nos trouxe a questão da vocação da mulher para ser professora, mas nos indicou um diferencial quanto à classe social. As mulheres de classe alta até deveriam ter a formação de professoras normais, mas não deveriam exercer. Essa tarefa caberia as mulheres mais pobres. Aqui fica ratificado mais uma vez o caminho imaginado e recomendado para as mulheres. Mesmo que não seja seguido. E a presença das mulheres nos espaços tidos como públicos também estava, muitas vezes, atrelada aos espaços da mulher que transgredia as normas e até aos valores até então impostos. E assim Tereza se considerava: “Eu fui uma mulher que saiu de casa e deixou uma família rica. Fui apontada e repudiada e essas mesmas pessoas que fizeram isso, hoje me bajulam.”²⁹

A representatividade da ‘mulher pública’ aqui passou por uma significativa transição. Já quanto à questão da intelectualidade feminina, a postura de Tereza não ficou tão clara, uma vez que ela reconhece e valoriza o papel do intelectual, mas, quando questionada se ela era uma intelectual, ela nos disse que não, e reafirmou isso em sua biografia:

Apesar de ter feito curso superior de História na USP, mestrado no Recife e defendido tese na Sorbone, não me considero uma historiadora, nem

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

tampouco uma intelectual. Sou apenas uma pessoa que gosta de trabalhar com as mãos, de trabalhar sua pintura, como um operário dedicado qualquer executa seu ofício com muito amor.³⁰

Ela nos informou sobre isso com certo tom de constrangimento, como se aquilo não lhe fosse merecido e isso nos leva a questão da relação da praticidade x o intelecto. Para Tereza, o seu trabalho era manual e não requeria um processo de formação do conhecimento. Porém, acreditamos que exista a possibilidade dessa percepção de Tereza acerca dos intelectuais tenha sido fortemente influenciada pela ideologia do próprio Partido Comunista que não valorizava o papel do(a) intelectual, uma vez que acreditavam que os verdadeiros agentes da revolução deveriam ser os operários. Com tudo isso, não podemos negar que se trata de uma artista, formadora de opinião e produtora do conhecimento, mas que, de fato, não tinha essa noção da mulher intelectual tanto quanto o homem.

Foi dessa maneira, a partir da história visceralmente humana da artista e mulher e, como a própria se intitula, o ‘bicho’ Tereza, que continuamos a analisar as frustrações e os dilemas do ser mulher, diante do que a sociedade esperava e cobrava enquanto reguladora da moral e dos costumes. Sua história de vida nos diz sobre qual o papel da artista (e intelectual?) em um período que antecedeu o golpe militar de 1964.

Pois, as escolhas existiam para todas as mulheres aqui entrevistadas e abordadas. Caminhos foram trilhados e histórias vividas. Cada uma, ao seu modo, pôde nos privilegiar com suas experiências riquíssimas e repletas de emoções, frustrações, sonhos e realizações. Não se privaram ou se lamentaram por seus caminhos. Transitaram onde era e onde não lhes era indicado e, com tudo isso, experimentaram e vivenciaram o que era e é ser mulher.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIER, Pierre. **O Poder Simbólico**. 10ª ED. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo. UNESP. 1992

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

³⁰ CÓRDULA, Raul. **Tereza Costa Rêgo**. Publikimagem. Recife, 2009. P. 62

CHARTIER, Roger. s.d. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil.

COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. **IN Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre EDPUCRS, 2004.

HARRIS-KESSLER, Alice. Que é história de Gênero hoje? **IN Que é a História Hoje**. Cord. David Cannadine. Lisboa, Gradiva, 2006.

LAVALLE, Adrian Gurza. **Vida Pública e Identidade Nacional**. São Paulo: Ed. Globo, 2004.

LOSURDO, Domenico. Os Intelectuais e o Conflito: responsabilidade e consciência histórica. BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquiria D. Leão (orgs.). **Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Ed. Olho Dagua, 1999.

LÖWY, Michel. **Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários: a evolução política de Lucacs (1909 – 1929)**. São Paulo: Ed. LECH Livraria, 1979.

PERREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: Dilemas de um Conceito **IN Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SAID, Edward W. **Representações do Intelectual: As conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **IN: Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: v.20, n°2, jul-dez 1995.

SOIHET, Rachel. Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas. **IN: MATOS, Maria Izilda. Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo, PUC, 1997.